

Roberto Gil faz balanço dos primeiros seis meses de gestão e aponta desafios futuros

O INCA precisa ser o irradiador de ideias que se propaguem pelo Brasil. Esse é o norte de futuro do diretor-geral, Roberto Gil. Nesta entrevista ao *Informe INCA*, ele avalia os desafios que estão por vir, como o aumento da incidência de câncer e a necessidade de incorporação de novos tratamentos e de substituição do parque tecnológico. E faz um balanço dos primeiros seis meses de gestão.

Informe INCA: Quando o senhor recebeu o convite para assumir o cargo, lógico que tinha ideia das principais necessidades do INCA. Após tomar posse, nas primeiras semanas de gestão, o cenário com o qual se deparou correspondeu às suas expectativas?

Roberto Gil: Embora eu esteja no INCA há mais de 40 anos, fui conhecer melhor essa instituição depois que me sentei nesta cadeira. Então, inicialmente, o impacto foi grande ao me inteirar sobre o funcionamento das coordenações de Ensino, Pesquisa, Prevenção e Vigilância e sobre as condições das cinco unidades assistenciais. Quando você se torna gestor, vê que o Instituto é muito maior, e seus desafios, também.

Qual sua avaliação dos seis primeiros meses na Direção-geral?

RG: Estamos alcançando conquistas importantes, como restabelecer a cultura do diálogo interno. Assim que assumi o cargo, observei a polarização de ideias e o afastamento natural ocasionado pela pandemia. Agora, voltamos a conversar. Nós também conseguimos, neste período, estimular ações próprias de uma instituição de ciência e tecnologia, dedicando parte do nosso esforço em ensino e pesquisa. Hoje é primordial termos o compromisso de todos os profissionais nesse sentido. Para o início do ano que vem, há perspectiva de um novo concurso, e estou animado, pois teremos um processo seletivo específico para o INCA. Temos que recuperar a força de trabalho. Também estabelecemos um comitê para minimizar a prática do assédio no trabalho, porque é necessário ter respostas institucionais para o combate ao assédio moral e sexual. Não seremos minimamente tolerantes com isso. Além disso, procurei aumentar o diálogo com a Fundação do Câncer: é preciso retomar as boas relações entre as duas instituições. Temos lutado, ainda, pela substituição do parque tecnológico, com novos aparelhos



Gil: "Vamos avançar na qualidade da assistência oncológica"

de radioterapia e endoscopia. Uma instituição que não se renova perde o vanguardismo.

Quais são os desafios futuros?

RG: Vamos elaborar o Plano Estratégico para o próximo quadriênio. Nossa maior meta é a incorporação de tratamentos, com uma racionalidade econômica que permita que novas drogas e tecnologias cheguem ao sistema público. É imprescindível também que o INCA ajude no fortalecimento das redes de assistência. Não pode continuar no imaginário da população esse pensamento de que o único lugar que trata câncer é aqui. As pessoas precisam entender que, ao se tratar em outras unidades, elas vão ter acesso aos protocolos criados pelo INCA. Tenho conversado com parceiros do complexo da saúde, como Bio-Manguinhos e Farmanguinhos, para que tornem as drogas mais acessíveis, a preço de custo. A telessaúde também veio para ficar como simplificada, para o paciente não ter que se deslocar por grandes distâncias geográficas e conseguir informação no INCA. Temos ainda a teleconsultoria com o interior do Estado, orientando profissionais tanto da Atenção Básica quanto da Atenção Especializada.

A incidência de câncer vai crescer até 2030. Como o Instituto está se preparando para essa realidade?

RG: Vamos avançar na qualidade da assistência oncológica. A gente não vai eliminar a incidência do câncer, ao contrário, ela só tende a aumentar. Não acabou o tabagismo. E, assim como ele, há o sedentarismo e o consumo de alimentos ultraprocessados, que são fatores de risco para a doença, entre outros comportamentos. É fundamental desenvolver mais políticas educativas para conter a epidemia da obesidade. Nosso produto final tem que ser a melhoria do atendimento oncológico para a população. O INCA tem que ser o irradiador de ideias que se propaguem pelo Brasil.